ISSN: 1678-0655 n° 6

A Escritura da Vida na Filosofia

Polyana C. Olini[1]

Resumo: Tomando como ponto de partida Nietzsche e seu conceito de *vivências* este artigo conta discutir a vida na produção filosófica. E o faz procurando elucidar a maneira pela qual a filosofia vem concebendo a vida de um pensador e, por vezes, servindo-se dela para o estudo de seu pensamento. Também apresenta uma perspectiva de leitura para a autobiografia de Nietzsche, intitulada *Ecce Homo – Como alguém se torna o que é.*

Palavras-chave: Nietzsche; vida; escritura.

Abstract: Taking as its starting point Nietzsche, and his concept of *experience* this article discuss the life in philosophical production. Seeks to elucidate the way in which philosophy has conceived the life of a thinker and eventually relying on it for the study of his thought. It also presents a perspective for the reading of Ecce Homo - *How one becomes what one is* (Nietzsche's autobiography).

Keywords: Nietzsche; life; writing.

O nome Nietzsche é talvez hoje, para nós no ocidente, o nome de alguém que foi único no tratamento de ambos: filosofia e vida, a ciência e a filosofia da vida, *com seu nome e em seu nome*. Ele talvez tenha sido o único a pôr seu nome – seus *nomes* – e suas biografias na trincheira, correndo deste modo

1 Aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT.

mais riscos do que isso requer: para 'ele', para 'eles', para suas vidas, seus nomes e seu futuro, e, particularmente, para a política futura que ele deixou ser assinada.

Jacques Derrida[2]

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um filósofo e um conceito constituem o vetor para essa reflexão: Nietzsche e o conceito de *vivências*. Para o extemporâneo, as *vivências* impregnam o corpo. Ora, se impregnam o corpo, o texto é marca das *vivências*! Pois se vida impregna corpo, vida conduz escritura e escritura conduz vida. Assevera Nietzsche que "de tudo quanto se escreve, agrada-me apenas o que alguém escreve com o próprio sangue" (NIETZSCHE, *Assim falava Zaratustra*, Primeira parte, § do ler e escrever). Escrever com a vida, com sangue, e não com a verdade. Escritura, assim como a vida, deve ser afirmação dionisíaca, não "grande suspeita, um enigma a ser desvendado pelas marcas e desejos de um real sempre passível de ser historiografado" (COSTA, 2010, p. 52).

Perpassando pelo estruturalismo e o pós-estruturalismo, esta comunicação movimenta reflexões sobre as implicações do jargão Vida e Obra na filosofia, além de apresentar uma perspectiva de leitura para o livro *Ecce Homo*[3], de Friedrich Nietzsche. Nele, o filósofo procura ressaltar a importância das *vivências* para a produção de conhecimentos. E se aprofunda na ideia que divulgou em *Para além de bem e mal* de que "gradualmente foi se revelando para mim o que toda grande filosofia foi até o momento: a confissão pessoal de seu autor, uma espécie de memórias involuntárias e inadvertidas [...]" (NIETZSCHE, *Para além de bem e mal – prelúdio de uma filosofia do porvir*, § 6).

2 *Otobiographies. L'enseignement de Nietzsche et la politiquedu nom proper*, Paris, Galilée, 1994, p. 88-89.

3 Expressão latina para "eis o homem", a mesma maneira como Pilatos apresentou Jesus aos Judeus na hora de sua condenação.

ISSN: 1678-0655 n° 6

Dessa forma, como toda filosofia é, no limite, uma autoconfissão de seu próprio autor, *Ecce Homo* deve ser lido sem desconsiderar a intimidade da relação entre reflexão filosófica e *vivências*.

Temos como questão, neste trabalho, a vida na produção filosófica. Essa não é a leitura feita pelo estruturalismo, principalmente se nos perdemos nas polêmicas que censuram este sistema por desprezar a história e abolir o sujeito. Isso muda se pensarmos o estruturalismo como inspirador de novos estilos de filosofar. Assim como o pós-estruturalismo, um novo movimento filosófico, que tenta ampliá-lo e colocá-lo em uma nova direção, por meio da filosofia nietzschiana.

O *Dicionário de Filosofia de Cambridge* define o estruturalismo com "uma série de pesquisa produtiva, peculiar, mas extremamente ampla, levada a cabo nas ciências sociais e humanas desde os anos 1950 e ao longo dos anos 1970"(AUDI, 2006, p. 296). É difícil descrever o estruturalismo como um movimento, isto por causa das restrições metodológicas exercidas pelas disciplinas que por ele foram influenciadas (a filosofia, a antropologia, a teoria política, a teoria literária, a psicanálise e até mesmo a matemática).

Nesse ponto, é importante pensar o conceito de *estrutura*. Uma *estrutura* constitui um conjunto de elementos em que cada um deles só tem sentido pelas relações que mantém com os outros e em que a modificação de um único elemento acarreta uma modificação do conjunto. No caso do estruturalismo, esse conjunto de elementos é formado, basicamente, por elementos gramaticais e semânticos.

Em resumo, o estruturalismo compartilha a ideia de que a língua é um sistema social de signos governado por regras, e que a comunicação efetiva depende dos recursos disponíveis para o falante a partir de dentro dos próprios códigos de linguagem. A abordagem estruturalista tende a estar menos preocupada com as considerações tradicionais da *subjetividade* e da *história* em seu tratamento do discurso.

A linguagem e a estrutura nascem juntas e os símbolos só têm sentido na posição que assumem uns em relação aos outros. A gramática enuncia as regras de possibilidade de tudo aquilo que pode ser dito, formando uma estrutura de relações formais pois, "para o estruturalismo, os signos circulam, tomados num código que a análise permite decodificar uma

investida posterior. Bem independente do emissor, o código fundamentalmente precede a mensagem que nele se inscreve" (DESCAMPS, 1991, p. 31).

Esses aspectos formam o que podemos chamar de tradição estruturalista da linguística, que contribui para o estatuto de cientificidade da linguagem e para profissionalização da produção filosófica, na França, abrindo caminho para o movimento pós-estruturalista. Inaugurado com a interpretação da obra de Nietzsche, feita pelo alemão Heidegger e um grupo de pensadores franceses – entre eles estão Deleuze, Derrida e Foucault –, o pós-estruturalismo pode ser caracterizado como um modo de filosofar. Porém, ressalva-se que o termo não deve ser usado para configurar homogeneidade ou singularidade a um método ou uma escola de pensamento.

O pós-estruturalismo pode ser compreendido como reação ou fuga ao pensamento hegeliano. Essa reação implica – para usar as palavras de Deleuze – a celebração do *jogo da diferença* contra o *trabalho da dialética* (PETERS, 2000, p. 28). É certo que "as investigações estruturalistas, muito diversas sobre outros aspectos, convergiam em um único ponto: sua oposição filosófica à *afirmação teórica do primado do sujeito*" (PETERS, 2000, p. 28). Os pós-estruturalistas, diferindo-se dos estruturalistas, passam a descrever o sujeito em toda sua complexidade histórica e cultural. Dessa forma, "o pós-estruturalismo, em particular, deve ser visto como uma resposta filosófica específica – fortemente motivada pelo trabalho de Friedrich Nietzsche e Martim Heidegger – contra as pretensões científicas do estruturalismo" (PETERS, 2000, p. 9).

PRODUÇÃO FILOSÓFICA E *VIVÊNCIAS*

Houve uma época em que a filosofia de um pensador compunha efeitos de sua vida. Implicava-se vida e obra com abordagem psicológica.

ISSN: 1678-0655 nº 6

Segundo Monteiro[4]: "os textos eram lidos como um conjunto dos dramas psicológicos de seus autores" (MONTEIRO, 2007, mimeo). Convém ressaltar que quando chamo atenção para a estreita vinculação da obra de Nietzsche com suas *vivências,* em meu projeto, não pretendo fazer este tipo de abordagem.

Como já foi dito, com a corrente teórica estruturalista esse debate foi recolocado à tona e esta prática foi superada. Para a interpretação estruturalista, um filósofo é compreendido a partir de seu texto. Sua vida não explica sua filosofia. Entendia-se que sua filosofia se autoexplica.

O método estrutural é ainda hoje um instrumento de trabalho eficaz e, por isso, muito usado para os exercícios de exegese precisa e análise rigorosa do pensamento de um autor. No estudo do próprio Nietzsche, na condição de objeto ou ferramenta, para especialistas ou não, este se constitui um primeiro caminho viável e fértil.

Em 1967, Deleuze escreve o artigo *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?* Publicado, em 1972, para compor a obra *Historie de la philosophie,* o texto tratou do estruturalismo em uma época de grande interesse pelo tema, pois se referia a obras que estavam em voga e outras ainda em período de conclusão.

O filósofo francês chama a atenção para a diversidade de estudiosos que se identificam e se influenciam pelo estruturalismo, mesmo explorando domínios diferentes. Porém, ressalta ser possível avaliar isto positivamente, por meio das descobertas e criações singulares feitas à sombra do rótulo estruturalista.

Deleuze assevera a importância do texto no estruturalismo, como que lembrando o leitor da já debatida, aqui, origem linguística do método estrutural:

> É com razão que se apresenta a linguística como origem do estruturalismo: não somente Saussure, mas também a Escola de Moscou, a Escola de Praga. [...] só há estrutura daquilo que é linguagem, nem que seja uma linguagem

4 MONTEIRO, Silas. *A razão na Filosofia: Nietzsche? 2007.* (Conferência. Universidade Federal de Mato Grosso).

> esotérica ou mesmo não verbal. Só há estrutura do inconsciente na medida em que o inconsciente fala e é linguagem. [...] As próprias coisas só têm estrutura na medida em que mantêm um discurso silencioso, que é uma linguagem dos signos. (DELEUZE, *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 221).

Deleuze quer lembrar que os estruturalistas influenciados por Saussure – podemos aplicar isso também para os pós-estruturalistas influenciados por Nietzsche – , apresentam grande sensibilidade textual e uma compreensão complexa da importância do estilo, tanto na literatura quanto na filosofia e nas ciências humanas.

Pensamos com Marton que reflexão filosófica e *vivência* são indissociáveis.[5] Em sua autobiografia intelectual, a professora refuta o método estrutural. Não discorda de seus merecimentos, mas relata que, ao distinguir com transparência a obra separadamente da vida, o sistema e o sujeito do sistema – para usar sua expressão – afastam do universo de reflexão a possibilidade de refazer os movimentos que produziram as proposições filosóficas. Com ela é possível aprender "a consentir em ser guiada pelo autor; a não colocar-me no lugar do médico, analista, confessor, diretor de consciência ou, sequer de crítico [...] e a jamais abrir mão do filosófico apelo biográfico" (MARTON, 2004, p. 15-16).

***

Deleuze propõe o "dicionário dos principais personagens" na obra de Nietzsche, defende um processo de *teatralização* da vida do filósofo e sua filosofia, afirmando que o pensamento de Nietzsche, em especial o seu *Zaratustra*, é uma espécie de cena dramática. A isso Deleuze denomina de criação de um "teatro" da *vontade de potência* e do *eterno retorno*. Afirma que

5 A esse propósito, Scarlett Marton desenvolve uma instigante pesquisa no texto *Nietzsche, Reflexão filosófica e Vivência*, *In*: Tempo Brasileiro, nº143.

ISSN: 1678-0655 n° 6

> Nietzsche talvez seja profundamente um homem de teatro. Ele não apenas fez uma filosofia do teatro (Dionísio), mas introduziu o teatro na própria filosofia. E com o teatro, novos meios de expressão transformam a filosofia. Quantos aforismos de Nietzsche devem ser compreendidos como princípios e avaliações de diretor, de *metteurenscène*. (DELEUZE, 2006, p. 166).

Segundo Deleuze, Nietzsche teria sido o precursor da constituição de novos meios de expressão filosófica. Seria, inclusive, tal qual promete o filósofo francês, a tarefa de toda a filosofia porvir, que é a constituição de uma nova imagem do pensamento e do filosofar a partir da renovação dos meios de expressão do pensar filosófico. Como do trecho abaixo:

> - Quem sabe respirar o ar de meus escritos sabe que é um ar das alturas, um ar *forte.* É preciso ser feito para ele, senão há o perigo nada pequeno de se resfriar. O gelo está próximo, a solidão é monstruosa – mas quão tranquilas banham-se as coisas na luz! Com que liberdade se respira! Quantas coisas sentem-se *abaixo* de si! – filosofia tal como até agora entendi e vivi, é a vida voluntária nos gelos e nos cumes – a busca de tudo o que é estranho e questionável no existir, de tudo o que a moral até agora baniu. (NIETZSCHE, Ecce Homo, prólogo, § 3).

Acreditamos ser importante verificar como Gilles Deleuze e Félix Guattari desenvolvem a noção de '*personagem conceitual*'. Os personagens conceituais se constituem como elementos pré-filosóficos ao próprio filosofar, tais quais os *conceitos*, que seriam propriamente filosóficos, enquanto o *plano de imanência* se estabeleceria como elemento pré-filosófico.

A ideia de *plano de imanência* está diretamente implicada à ideia de *conceito* em Deleuze e Guattari, à sobrevida dos conceitos filosóficos. Já os *conceitos* ressoam à filosofia que os cria, pois só é filosofia o pensamento que se dá a inventar *conceitos*. Contudo, os *conceitos* não constituem por si só um *plano de imanência*. O plano de imanência não é um conceito particular ou um conceito geral, a englobar todos os outros conceitos, ele é a pré-condição de existência de todo *conceito* filosófico, ele é o solo onde os *conceitos* devem vir à luz. O plano de imanência é o "mundo" do *conceito*.

Por sua vez, a ideia de *personagem conceitual*, acredito, leva adiante as relações do pensamento com determinada cena na obra. Isso porque ao destacar, por exemplo, Sócrates como um personagem conceitual do teatro filosófico de Platão, ele deixa claro que não se trata do Sócrates histórico, nem propriamente um simples personagem por intermédio do qual as ideias platônicas seriam defendidas: seu alter-ego. Mas de um intercessor. Esses *personagens conceituais* são os sujeitos em sua filosofia. Logo, descarta-se qualquer alusão a que os *personagens conceituais* sejam meramente ilustrativos, eles são pró-ativos na construção de uma tese filosófica. No entanto, eles não são *conceitos,* pois eles não são ferramentas. Os autores de *"O que é a filosofia?"* afirmam, em relação aos *personagens conceituais*:

> O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são 'heterônimos' do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens. Eu não sou mais eu, mas uma aptidão do pensamento para se ver e se desenvolver através de um plano que me atravessa em vários lugares. O personagem conceitual nada tem a ver com uma personificação abstrata, um símbolo ou uma alegoria, pois ele vive, ele insiste. O filósofo é a idiossincrasia de seus personagens conceituais. E o destino do filósofo é de transformar-se em seu ou (em) seus personagens conceituais, ao mesmo tempo em que estes personagens se tornam, eles mesmos, coisa diferente do que são historicamente, mitologicamente ou comumente (o Sócrates de Platão, o Dionísio de Nietzsche, o Idiota de Cusa) (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 86).

***

O ensaio "A dúvida de Cézanne", escrito por Merleau-Ponty, desfila com extrema beleza o pensamento estético da fenomenologia merleaupontyana, com ênfase na reflexão vida-obra. A angústia do pintor esquizoide é a *potência* do ensaio: pode a obra corresponder, retratar, dizer a vida?

ISSN: 1678-0655 n° 6

Tomando como referência Cézanne, o filósofo francês afirma que "é certo que a vida não *explica* a obra, porém certo é também que se comunicam. A verdade é que *esta obra a fazer exigia esta vida"* (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 312).

A dúvida de Cézanne busca e apresenta vias de comunicação entre a vida e a obra, fazendo manifestá-las, buscando novas formas de expressão, comunicação, registro e pintura. Para tanto, Cézanne, concebe a pintura impressionista – restabelecer na tela o próprio modo como os objetos chegam à visão – recusa a perspectiva geométrica, não quer uma pintura sem deformações. Mais tarde, em sua busca se separa desta escola. Os pontos marcantes de sua pintura correspondem ao mundo, à nossa visão sobre as coisas e sobre a própria existência. Discorre, Merleau-Ponty, em relação a Cézanne,

> Não quer separar as coisas fixas que nos aparecem ao olhar de sua maneira fugaz de aparecer, quer pintar a matéria ao tomar forma, a ordem nascendo de uma organização espontânea. Para ele a linha divisória não está entre os "sentidos" e "a inteligência", mas entre a ordem espontânea das coisas percebidas e a ordem humana das ideias e das ciências. (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 306).

De fato, o assunto a ser examinado no ensaio é que, para Merleau--Ponty, os gestos do pintor se transformam em pintura:

> [...] as "hereditariedade", as "influências" – os acidentes de Cézanne–, são o texto que, de sua parte, a natureza e a história lhe doaram para decifrar. Proporcionaram apenas o sentido literal da obra. As criações do artista, como aliás, as decisões livres do homem impõem a este dado um sentido figurado que antes delas não existia. Se nos parece que a vida de Cézanne trazia um germe de sua obra é porque conhecemos sua obra antes e vemos através delas as circunstâncias da vida, carregando-as de um sentido que tomamos à obra. Os dados de Cézanne que enumeramos e de que falamos como condições prementes, se devessem figurar no tecido de projetos que eram, só poderiam propondo-se-lhe como o que tinha a viver, deixando indeterminada a maneira de o viver. (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 311-312).

ISSN: 1678-0655 n° 6

Segundo Merleau-Ponty, na maior parte do tempo não vemos senão a partir do ponto de vista dualista. A pintura de Cézanne rompe com essa familiaridade. Porém, esse trato com a tarefa infinita de expressar a realidade não deve ser interpretado de forma que ocorra a privação da vida do pintor em sua obra, pois Cézanne fazia relações com sua doença; sua obra revela sentidos de sua doença. Não há diferença entre a constituição própria de Cézanne e a constituição própria de Cézanne esquizoide. Ora, se a esquizoidia é definida como parapatologia caracterizada pela inadaptação à realidade intrafísica, pode-se dizer que "são as próprias coisas e os próprios rostos tais quais via, que pediam para assim serem pintados e Cézanne não disse mais do que *queriam* dizer" (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 312).

Paul Cézanne deixou sete autorretratos que revelam íntima observação pessoal. Na pintura acima pintada, em 1879-82, também se evidencia a tendência geométrica. Faltam pistas no mistério de Cézanne. O pintor Kurt Badt declarou que "*em certos quadros de Cézanne, suas experiências pessoais transparecem de forma um tanto disfarçada, isso me leva a interpretar sua arte desse ângulo particular, sobretudo por seus aspectos subjetivos. O resultado tem sido que sua obra me parece uma confissão, como as obras de Goeth e Delacroix, Stendhal e Flaubert, Stifter e Caspar David Friedrich; e o ponto de partida, como é característico do século XIX, está no sofrimento do artista e em seu trunfo sobre o sofrimento*".

***

Após o prólogo de *Ecce Hom,* Nietzsche começa seu livro escrevendo breve homenagem à sua vida no exergo, descrevendo o dia como sendo perfeito, alega jamais ter visto coisas tão belas e gratificantes ao olhar para seu passado e para seu futuro. Exalta seus 44 anos, "tudo dádivas desse ano, aliás, de seu último trimestre!" E pergunta a si mesmo "*como não deveria ser grato a minha vida inteira?*" (NIETZSCHE, *Ecce Homo, Exergo*).

Nietzsche se orgulha em anunciar sua gratidão à totalidade de sua existência, quando se refere à beleza que enxerga nos períodos contrários de sua vida – passado e futuro – , demonstra a vontade do *eterno retorno* de tudo o que viveu, sem que isso o pressionasse como o maior dos pesos.

ISSN: 1678-0655 n° 6

Apresenta sua vida como força ativa de seu pensamento. Pensamento este que é afirmação de sua vida. Configurando, de acordo com Deleuze "um pensamento que iria até o limite daquilo que a vida pode, um pensamento que conduziria a vida até o limite daquilo que ela pode. Em vez de um conhecimento que se opõe a vida, um pensamento que afirmaria a vida" (DELEUZE, 1992, p. 152).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estruturalismo e pós-estruturalismo possuem algumas características em comum, uma vez que o primeiro é gênese do segundo. Entre os aspectos em que compartilham proximidades, destacamos o de maior importância para compreensão deste nosso texto: a mesma compreensão da linguagem e da cultura que dividem. Nos dois movimentos, linguagem e cultura são concebidas em termos de sistemas linguísticos e simbólicos nos quais as relações entre os elementos que constituem as estruturas são consideradas mais importantes do que os elementos isolados.

A obra autobiográfica de Nietzsche se inscreve em sua filosofia. Segundo Monteiro, "a biografia foi um dos principais pontos de aproximação de Nietzsche à escrita filosófica" (MONTEIRO, 2004, p. 30). Isso é evidente desde o início do terceiro período de sua obra (1882-1888) em que reconstrói seu pensamento, ao apresentar um balanço conceitual e a organização de sua Filosofia. Organização que fortalecerá, cada vez mais, "a profunda vinculação entre a reflexão filosófica e as *vivências,* deslocando a concepção de que pensamento ou razão sejam de ordem lógica para fundá-los na concretude da vida" (MONTEIRO, 2004, p. 30).

Para Nietzsche, o exercício da escrita tem força constitutiva. Escritos falam de superações. A elaboração textual de suas próprias *vivências* se mostra como um processo significativo de *constituição de si*. Visto que, "[...] a vida faz do pensamento qualquer coisa de ativo, o pensamento faz da vida qualquer coisa de afirmativo"(DELEUZE, 1992, p. 153). Entende-se que é preciso dedicar-se à vida, isto é, às *vivências,* presentes nos escritos.

ISSN: 1678-0655 n° 6

REFERÊNCIAS

AUDI, Robert. *Dicionário de filosofia de Cambridge*. Trad. Edwino A. Royer; João P. Netto; Alexandre da Silva Carvalho; Aline M. Ramos; Christian Perret; Eduardo Nasser; Felipe A. I. Casadei; Mariana Veiga. São Paulo: Paulus, 2006.

COLEÇÃO DE ARTE. *Paul Cézanne*. Trad. Aldo Pereira. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1997.

COSTA, Luciano Bedin da; FONSECA, Tânia Mara Galli (Orgs.). O destino não pode esperar ou o que dizer de uma vida. In: *Vidas do fora*: habitantes do silêncio. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010.

DESCAMPS, Christian. *As ideias filosóficas contemporâneas na França*. Trad. Arnaldo Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

DELEUZE, Gilles. Conclusões sobre a vontade de potência e o eterno retorno, In: *A ilha deserta e outros textos.* Textos e entrevistas (1953-1974). Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora Iluminuras, 2006.

_____. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: *A ilha deserta e outros textos.* Textos e entrevistas (1953-1974). Trad. Hilton F. Japiassú. São Paulo: Editora Iluminuras, 2006.

_____. *Nietzsche*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.

_____. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. António M. Magalhães. Portugal: Rés.

_____. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munõz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DERRIDA, *Otobiografhies.* Paris: Éditions Galiée, 1984.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação.* Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MARTON, Scarlett Z. *A irrecusável busca de sentido*. São Paulo: Ateliê Editorial; Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

_____. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Nietzsche, reflexão filosófica e vivência.* In: Tempo Brasileiro, n. 143. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. *A dúvida de Cézanne*. Trad. Nelson Alfredo Aguilar. In: *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1. ed., 1995. (Coleção os Pensadores)

MONTEIRO, Silas B. *Quando a pedagogia forma professores: uma investigação otobiográfica*, 2004. 296 p. (Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo)

_____. *A razão na Filosofia:* Nietzsche? *Cuiabá,* Conferência. Universidade Federal de Mato Grosso, 2007. (Mimeo)

ISSN: 1678-0655 n° 6

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 2. ed., 1978. (Coleção Os pensadores)

_____. *Oeuvres Philosophiques Completes*. 14 tomos. Paris: Gallimard. 1977.

_____.*Além do bem e do mal*: prelúdio de uma filosofia do futuro. Trad. Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____.*Ecce Homo*: como alguém se torna o que é. Trad. Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Assim falava Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Trad. Mario Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Vozes, 2. ed., 2008. (Coleção Textos Filosóficos)

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença [uma introdução].* Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (Coleção Estudos Culturais).